

# Vitivinicultores derramaram vinho pelas ruas da Régua

Acto que quis simbolizar o desespero por causa da falta de escoamento deste produto

Por: / CLC | 05-08-2010 22: 58



0 votos

0 comentários

Os vitivinicultores do Douro derramaram esta quinta-feira vinho pelas ruas da Régua, num acto que quis simbolizar o desespero por causa da falta de escoamento deste produto e dos baixos preços a que ele é comprado à produção.

Cerca de duas centenas de pequenos produtores responderam hoje à chamada da Associação dos Vitivinicultores Independentes do Douro (AVIDOURO) e concentraram-se numa vigília em frente à sede do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP).

Os manifestantes muniram-se de velas, garrações e pipos de vinhos e empunharam faixas onde se podia ler «Nós, durienses, não vamos deixar que levem o cadastro para o IVDP», «Assalto aos poderes da CD [Casa do Douro] e aos lavradores» ou o «Douro exige do Governo a aprovação de todos os VITIS».

O objectivo foi chamar a atenção para a «grave situação» que afecta a lavoura duriense. Pelas ruas da Régua foi ainda derramado vinho, de um pipo e de garrações.

A dirigente da AVIDOURO Berta Santos explicou que se tratou de um «acto simbólico», para chamar a atenção para a lavoura duriense. «Os agricultores não vendem o vinho, o que vendem é a preços baixos e com a agravante de que entregam as uvas sem preço estabelecido e ainda demoram anos a receber. Há vinicultores que não recebem o vinho desde 2004. Isto não pode continuar assim», afirmou.

Manuel Mota Ribeiro, vitivinicultor em Guiães, diz-se com a «corda na garganta» e cansado de lutar. É que, segundo as contas deste agricultor, há uns anos vendia a pipa de vinho tratado a mil euros, enquanto que agora é vendida a 950.

«Só que, entretanto, o custo dos factores de produção aumentou muito, como os adubos, enxofres ou pesticidas», acrescentou.

Manuel Mota Ribeiro fez questão de marcar presença nesta vigília, porque diz que «é preciso dar o recado ao senhor ministro da Agricultura para que tenha juízo». «Tem que olhar para os que têm menos pipas de vinho» e não para os «grandes grupos económicos».